

## O PROBLEMA FILOSÓFICO DA EXISTÊNCIA DE DEUS NA FILOSOFIA DE GABRIEL MARCEL

Genival Oliveira Carvalho<sup>1</sup>

**Resumo:** Segundo Gabriel Marcel, a ciência (ou a verificação) não pode captar o objeto da fé que é Deus. Deus é o não verificável. E o crente não pode explicar Deus por meio de demonstrações verificáveis, já que Deus está além de todas as razões e além de toda relação causal. Deus é o *outro* da ciência que verifica; é o absolutamente Outro. O homem é feito para Deus e não pode deixar de reconhecê-lo quando ele passa na sua proximidade. A atitude que convém ao homem diante de Deus não é a de especulação nem a de interrogação, mas a de adoração, de humilde oração. O filósofo deve falar a Deus, não de Deus.

**Palavras-chave:** Gabriel Marcel, existência de Deus, Tu absoluto, inverificável

**Abstract:** According to Gabriel Marcel, science (or verification) can not capture the object of faith is God. God is unverifiable. And the believer can not explain God through verifiable statements, since God is beyond all reason and beyond all causal relationship. God is the other science that checks, is absolutely Other. Man is made for God and can not fail to recognize it when it happens in their vicinity. The attitude that befits the man before God is not speculative nor the mark, but the adoration, humble prayer. The philosopher should speak to God, not God.

**Keywords:** Gabriel Marcel, the existence of God, Absolute Tu, unverifiable

### Introdução

Para algumas filosofias modernas, não há libertação do homem sem negação de Deus, seja explícita ou implícita. Deus é a alienação radical, da qual o homem deverá libertar-se. Neste sentido, destacam-se as críticas de L. Feuerbach, Karl Marx, F. Nietzsche e S. Freud. Neste contexto contemporâneo, abordaremos a posição própria de Gabriel Marcel.

---

<sup>1</sup>Doutorando em filosofia pela UCSF e em Ciência da Religião pela PUC/SP; olgenival@hotmail.com

O mistério de Deus tem sido um tema dominante através da história da filosofia, seja como afirmação seja como negação. O ser pensante tem a liberdade de excluir de seu campo de interesse qualquer ente, inclusive Deus. Através da história, formularam-se argumentos indiretos para demonstrar a existência de Deus: ontológico, cosmológico, teleológico e moral. Também na filosofia de Marcel, Deus é a questão central, mas apresenta restrições aos argumentos tradicionais.

### **Introdução ao Problema da Existência de Deus**

Desde o início de sua investigação filosófica, atraiu a atenção de Marcel o fenômeno prodigioso do pensamento religioso. Educado fora de toda religião, se propôs explicar em que condições o pensamento religioso podia ser inteligível, quer dizer, explicado. Este foi o tema de sua tese de doutorado que nunca chegou a ser a publicar.

Com uma sinceridade e uma espontaneidade dignas de admiração, Marcel foi desenvolvendo os diversos planos de sua investigação. Seu caminho foi longo. No início do *Journal Métaphysique* (MARCEL, 1935a, p. 39), Marcel diz que o problema da existência de Deus não se coloca em termos de demonstração, mas de mística ou de experiência. Fora da experiência concreta, Deus carece de sentido.

Para Marcel, quando se reduz a religião a um conjunto de afirmações puramente racionais, válidas para um pensamento em geral, não passa de um deísmo abstrato e vazio de conteúdo. Deus não é um problema, mas mistério. (cf. MARCEL, 1935(b), p. 42). Nesta perspectiva, não se ultrapasse um naturalismo grosseiro, considerando a Deus como uma hipótese, quando, segundo Marcel, é “o que em absoluto não se pode pensar como hipótese”.

Marcel indaga: pode demonstrar-se, através de um processo lógico, silogístico, a existência de Deus?

Responde:

Evidentemente se devem submeter a uma revisão cuidadosa (as provas da existência de Deus). A meu ver toda a prova se refere a certo dado que, no caso, é a fé em Deus em mim e nos outros. A prova só pode consistir numa reflexão secundária do tipo que define: reflexão reconstrutiva que se baseia numa reflexão crítica, uma reflexão que é uma recuperação enquanto permanece tributária daquilo que chamei uma intuição opaca. É evidente que a apreensão do mistério ontológico como metaproblemático é a mola desta reflexão recuperadora (...) Mas a prova só pode confirmar-nos aquilo que nos foi dado de outro modo (MARCEL, 1935b, p. 175-76).

Desde Platão, Aristóteles, S. Agostinho, S. Anselmo, S. Tomás de Aquino, da Idade Média até os tempos modernos, ocupam lugar importante, na filosofia, as chamadas provas da existência de Deus. No *Être et avoir* (1935b), Marcel se posiciona sobre a legitimidade das provas clássicas da existência de Deus. Segundo ele, não foram vistas do plano de vista da participação e, por isso, não convencem a todos. Pressupõem, desde o começo, uma relação com Deus. Marcel diz que as provas da existência de Deus não passam de falsas vias. Se a prova ontológica de S. Anselmo resiste, é porque, desde o começo, se instala em Deus e, nesta medida, suprime-se, de certa forma, como prova, pois não há passo lógico que permita elevar-se a Deus, partindo daquilo que não é Ele. Da mesma maneira como não se pode provar a existência de Deus, também não se pode negá-la, com argumentos lógicos ou empíricos. O argumento anselmiano baseia-se num “eu creio em Ti”. Já supõe Deus como presença e não como conclusão silogística.

Muitas vezes, na teologia e na filosofia se exagerou a importância e a significação das provas da existência de Deus. Faz parte essencial de uma prova ser conclusiva. Ora, aqui Marcel assenta sua crítica: posso pensar Deus como objeto? Deus é transcendência infinita, não sendo uma questão objetiva. Aliás, Marcel pergunta que significa provar? Uma prova ou demonstração tem estrutura *triádica*, isto é, *alguém prova algo a alguém*. O processo de demonstração consiste em levar alguém que aceita determinada proposição, necessariamente a aceitar outra da qual duvidara. Este alguém, a quem provo, posso ser eu mesmo. Em outros termos, recuo a um ponto no qual possa dizer ao outro: “Concede que...”. Por um processo racional, passo a passo, levo-o a concluir: “Deus existe”.

Deus não é parte da realidade cósmica. Não pode ser puro objeto da reflexão humana. Não se deixa manipular como peça na engrenagem científica do homem. Já que grandes filósofos se contentaram com as provas da existência de Deus, diz Marcel, podemos admitir que tenham colocado algo essencial em seus argumentos, que nós, hoje, já não percebemos mais. Esse algo é que aquele que formula a prova já está instalado em Deus de uma outra maneira. Sob este enfoque, compreende-se que convencem aqueles que delas não precisam. Nesta perspectiva, as provas da existência de Deus não podem substituir a fé, mas, antes, a supõem. E a fé não deriva do pensamento. Assim, todos os capazes de raciocinar seriam crentes. A fé não é uma conclusão racional, mas, antes, um ato vital, totalizador da pessoa concreta. Por isso, as provas da existência de Deus carecem de força convincente para quem não crê. São apoio racional para quem já crê.

Segundo Marcel, podemos afirmar a influência do mundo. Há, em nós, exigências as quais o mundo não consegue satisfazer. Por isso há uma exigência de Deus. Mas tal não equivale a uma prova. O que conta é a presença de Deus. E esta não se prova. Se as provas da existência de Deus fossem admissíveis, teriam validade universal, o que certamente não é o caso. Seu caráter é inoperante justamente onde seriam necessárias, ou seja, quando se trata de convencer a um incrédulo. Quando já existe a fé, tornam-se inúteis. Quem experimenta a existência de Deus, não carece de provas de sua existência. A tentativa de provar a existência de Deus é, conforme Marcel, uma profanação. O reino de Deus é o reino do *mistério*, que não se conhece, mas se reconhece; não se sujeita a provas, mas se aceita ou rejeita.

Em resumo, as tradicionais provas da existência de Deus não são respostas prontas. Apenas são perguntas. Marcel não nega seu conteúdo, mas seu caráter demonstrativo. Se Deus não é objeto empírico, evidentemente não poderá ser verificado no plano empírico. Deus permanece cientificamente inverificável.

### **Deus Transcende o Conhecimento Científico**

Não se pode pensar a Deus com a categoria da objetividade. Pensar o objeto, é pensar algo para o qual eu não conto. Se o ser se define, para mim, como aquilo que não se deixa dissolver pela dialética da experiência, a objetivação impede toda a participação. Colocar Deus no campo do objetivo é situá-lo na categoria do ter, caracterizando-o, definindo-o. Ora, isto seria inventariar propriedades de Deus. Caracterizar é próprio do conhecimento científico.

Segundo Marcel, Deus é incaracterizável. Um deus conceitualizado é um deus reduzido a objeto de nossas representações, um deus criado pela razão humana, como explicação última da realidade. Mas Deus não é um objeto da experiência empírica. Neste sentido, negar a existência de Deus significa dizer que ele não se manifesta empiricamente. Deus deve ser pensado como transcendente a toda determinação e a toda verificação empírica.

Transcender significa entrar em movimento. Não é um estado, mas um movimento que leva a ser mais. Pressupõe que meu ser não se identifica simplesmente com minha vida. O ser transcendente não se consegue determinar como se determina um objeto. Significa um limite para a razão, pois esta não é a única maneira de perceber da existência.

Poderá perguntar-se qual o papel da razão no conhecimento de Deus? Em todo o caso, para Marcel, a existência de Deus não é um ponto de chegada, uma simples conclusão lógica. É, antes, um ponto de partida. Deve haver uma experiência de Deus. Antes da crítica de Kant, na teodicéia, era comum elaborar as chamadas provas da existência de Deus: a ontológica, a cosmológica, a teleológica e a moral. E isso á semelhança dos filósofos gregos da natureza, que indagavam pelos elementos (arché ou princípio) originários do mundo.

Segundo Marcel, Deus não pode ser tratado como objeto metafísico a respeito do qual se façam juízos. Deus não se explica, e a rigor não se justifica. Situa-se no plano do amor e da fé. Não se pode amar a Deus contra a criação. Ama-se a Deus, através da criação. Ele quer ser glorificado, através das criaturas Por isso Marcel rejeita certos livros de edificação religiosa. A seus olhos, o Deus ciumento de sua obra, não passa de um ídolo (cf. MARCEL, 1935b, p. 196).

Ora, quanto mais amo um ser, tanto mais participo em sua vida e tanto mais mostra-se inadequado o modo objetivista de pensar. O ser que amo não tem qualidades para mim. Amo-o como totalidade. Aquele, para quem sou um tu, transcende os juízos objetivos. Ao amar-me, dá-me uma espécie de crédito.

A filosofia tem tratado o transcendente como uma coisa e não como o tu absoluto, fundamento de uma comunhão. Com isso a filosofia caiu na idolatria. Fez de Deus uma imagem degradada, ou seja, o ateísmo. Toda a ideia que a filosofia forma de Deus não passa de expressão abstrata. Ora, Deus não é um problema a ser abordado pela análise conceitual. Deus não se deixa prender nas malhas das cadeias de conceitos. Deus não se deve pensar a partir dos objetos do mundo e em continuidade dos mesmos. Seria situá-lo no âmbito do problema, ou seja, na ordem das explicações, das causas e das leis. Deus não é um superlativo do homem. Kant foi mais coerente em sua crítica, pois Deus, como realidade metafísica, não pode ser objeto do conhecimento humano teórico: Deus, como realidade objetiva, não passa de uma ilusão.

Marcel toma uma posição clara. A linguagem da ciência é inadequada para falar em Deus. Não se chega a Deus, mediante uma série de conclusões lógicas. Quando falamos de Deus em termos objetivistas, não falamos de Deus. Somos incapazes de saber o que Deus é. A causalidade pertence ao mundo do objeto. Quando falamos de Deus, não estamos na ordem das causas, das leis, ou seja, do universal. Deus é o inverificável absoluto. Diante de Deus-causa, o homem não pode cantar nem dançar. No âmbito do pensar sobre Deus, diz Marcel, é melhor calar, pois, as determinações lógicas são

insuficientes. Uma teodicéia, que idolatra um “deus do poder”, sente-se incapaz diante do problema do mal. Se Deus é todo-poderoso, por que permite o mal? O mal não se pode tratar de maneira abstrata, mas existencialmente. É um mistério.

### **Deus como Inverificável Absoluto**

Segundo Marcel, o limite entre metafísica e religião não é fixo. Mas Deus só é possível no plano da experiência mística. O pensamento só pode afirmar Deus como existente, mediante a Fé. Esta só se justifica na condição de ser transcendente ao saber objetivo. Do contrário, atribuindo existência a Deus, o fazemos no espaço e no tempo.

Pensar a fé, não é crer. Pensar a fé em Deus é objetivá-lo. Mas nem Deus, nem a fé, se encontram no fim de um processo intelectual. A fé é um ato vital, totalizador da pessoa concreta. Quando se reduz a religião a um conjunto de afirmações puramente racionais, válidas para um pensamento em geral, não passa de um deísmo abstrato e vazio de conteúdo. Deus não é problema, mas mistério. Com razão nos ensina Giordani (1976, p.126) “Toda fé autentica está enraizada no Ser e no Mistério”. Por isso escreve Marcel:

Deve-se aprender a compreender por que o rezar a Deus é a única maneira de pensar em Deus, ou mais exatamente, transpõe-se a um plano mais elevado o equivalente ao que seria pensar em alguém em plano interior. Quando penso num ser finito, estabeleço, de algum modo, uma comunhão entre ele e mim, uma intimidade, numa palavra, um com que pode parecer suprimido (...). Quando me pergunto como posso pensar em Deus, investigo em que sentido posso ser com Ele”. (MARCEL, 1935b, p. 42). Trata-se de um ser com que nega o espaço e a morte.

Marcel confronta-se com o ateísmo. Diz que o ateísmo pressupõe uma coisificação de Deus, ou seja, transforma o mistério num problema. Ora, neste plano, não há como e sobre o que dialogar, pois Deus realmente não é uma coisa. Do acima exposto, pode concluir-se que é impossível uma refutação objetiva do ateísmo, da mesma maneira como objetivamente não se pode prová-lo. Da mesma maneira que não se demonstra a existência de Deus, não se consegue demonstrar sua não-existência. A experiência de Deus vivo sempre só é possível na profundidade da experiência singular da fé.

Segundo Marcel, a fé absoluta funda-se no Deus transcendente, não no Deus do ateísmo. Deus não é um objeto para mim como eu não sou objeto para Ele. Se vejo a Deus apenas como uma pessoa, ao lado da qual possuo realidade independente como pessoa,

compreende-se a revolta sartreana. Não conseguindo reduzir Deus a um objeto, revolto-me e termino no desespero. Deus então aparece como o tirano invencível, diante do qual todos os demais seres perdem a liberdade e a subjetividade. Mas, para Marcel, nosso ser é participação no ser do próprio Deus. Enfim, é graça. Não será o deus do teísmo aquele do qual Nietzsche proclama a morte? Tal Deus realmente se torna insuportável para o homem. Marcel tenta superar o teísmo em todas as suas formas na experiência da fé absoluta. Deus acima dos deuses não se pode descrever ou localizar. É mistério. O deus do teísmo foi degradado a um problema. O Deus transcendente (mistério) está presente no velamento do encontro Deus-homem. A fé é um ato conforma à razão. Mas este aspecto não substitui a própria fé. Aqui, o pensamento constitui-se num movimento para o encontro com uma luz, que “pré-sente”.

### **O Silêncio sobre Deus**

Durante milênios, a filosofia tematizou Deus. Mas falou de maneira muitas vezes sacrílega. Deus entrou no pensamento grego, através de formas impessoais e abstratas. Os padres cristãos usaram o instrumental neoplatônico para elaborar o conceito de Deus. Com isto chegou-se a uma descristianização de Deus, degenerando-o em ideias racionalistas. O nome de Deus foi falsificado, trivializado e esvaziado de seu conteúdo vital.

Como então podemos falar de Deus?

Segundo Marcel, só podemos aludir a Ele. Deus é indizível. Mas falar de Deus pode ter sentido, porque todo o discurso sobre Deus é oblíquo, não objetivante. Marcel reconhece que as imagens racionalistas de Deus levaram a buscar outras categorias mais pessoais. O racionalista parte do pressuposto de que Deus deve ser uma verdade. No *Journal Métaphysique* (MARCEL, 1935a), escreveu que o ateu se apoia sobre uma determinada ideia de Deus (não sobre uma experiência). Se Deus existisse, teria tais ou tais caracteres...permitiria isso e não aquilo...Em outras palavras, o ateu, de maneira semelhante ao racionalista, aplica a Deus categorias objetivistas. Só se pode falar de Deus, desde a liberdade, com categorias pessoais. A relação intersubjetiva é uma forma de ser para superar a dualidade sujeito-objeto do conhecimento científico. Para Marcel, crer em Deus é manter relações diádicas com o real. Assim, para Marcel, não se deve calar sobre Deus ou continuar a falar de maneira objetivista sobre ele. Deverá se encontrar nova linguagem filosófica. A presença da existência ontológica deve descobrir-se nas relações

interpessoais, na participação que nos constitui como sujeitos. O homem descobre-se como uma exigência de transcendência, como ser aberto a uma realidade. Pela existência, experimenta-se ligado ao mundo: aos outros, pela intersubjetividade, e re-ligado a Deus como fundamento último de seu ser. Deus é uma direção dada ao amor.

### **Deus como o Indemonstrável Absoluto**

Para Gabriel Marcel, Deus é o Indemonstrável absoluto. Deus é presença absoluta. A união entre Deus e meu eu nada seria se não fosse pessoal. Mesmo que um tu empírico possa transformar-se em um ele, sem dúvida, Deus é o Tu absoluto, que nunca pode converter-se num ele. Não se fala de Deus como de um ausente, senão com ele. Marcel rejeita a ideia de Deus como um problema filosófico. Segundo ele, Deus não pode ser objeto para nós. “A expressão própria de Deus” é evidentemente uma expressão contraditória e até um sacrilégio (MARCEL, 1935b, p. 176). Como toda demonstração pressupõe uma certa realidade dada, neste caso, a fé em Deus, as provas de Deus têm somente importância secundária. O ser absoluto repugna as determinações. Os atributos de Deus são somente conceitos-limites, sobre os quais refletimos, e que não pode negar nem cair na esfera do problemático (MARCEL, 1935b, p. 247). A teologia, aquela que nos conduz à filosofia, tem de ser, por essência, meramente negativa (MARCEL, 1935b, p. 176). Deus só pode ser dado como presença absoluta na adoração; todo conceito que tenho formado sobre ele é somente uma expressão abstrata, uma intelectualização desta presença. O Deus de Marcel não é nem um objeto suscetível de demonstração objetiva (racionalismo), nem uma mera função (subjetivismo), senão “o Indemonstrável Absoluto”.

### **Experiência de Deus na fé**

Segundo Marcel, não se deve pensar a presença de Deus como objeto. A Deus tenho acesso pela fé. No ato de fé, se me desvela como vivo, presente e atuante em sua criação, como infinito e indizível. É o mistério. Na criação, o crente encontra sinais que apontam para sua presença. Deus é presença e participação que fundamenta a realidade do sujeito. A categoria de *presença* é central na filosofia marceliana. Ora, a presença não se prova, mas dela se dá testemunho.



A realidade de Deus se nos manifesta como presença velada que pode ser descoberta em um encontro, numa conversão, no amor, na esperança, etc. Permanece sempre transcendente. Por isso, as categorias explicativo-causais são insuficientes para falar de Deus. O tu absoluto é, antes, presente à invocação, à oração. A realidade absoluta que invoco não pode ser reduzida a um dado objetivo. Esta realidade se me dá na medida em que me dou a ela. Chego a ser realmente sujeito pelo ato com que me centro sobre ela.

Segundo Marcel, Deus é inverificável, no sentido estritamente empirista. Tal critério de verificação empírica, no espaço e no tempo, torna-se inadequado para falar em Deus. Mas, Deus, enquanto realidade, deve ser verificado na experiência da realidade humana mais profunda. As afirmações sobre Deus devem ser confirmadas no horizonte de nossa vida em categorias existenciais. Para Marcel, deve haver uma experiência da transcendência como tal. Esta não se deixa traduzir pela linguagem objetiva, mas pelo recolhimento e encontro pessoal. O juízo lógico encerra-nos em sistemas rígidos. Para além desses, há uma metafísica presencial, o tu, que se me dá no encontro, está comigo. Estabelece-se comunhão. A comunhão é um modo fundamental de ser. É inefável.

A relação pessoal eu-tu, para Marcel, pode clarear, de algum modo, a relação entre Deus e homem. O criador não pode ser reconhecido pela noção de causa, mas por sua revelação e interpretação ao homem. Enquanto se revela, permanece, ao mesmo tempo, no mistério impenetrável. O compromisso absoluto é a fé. Cremos em Deus, ao qual me ponho à disposição, ao qual dou crédito. Crer em alguém é confiar nele, é dizer-lhe “Estou seguro de que não me trairás”. Confiança só há num Tu capaz de ser invocado. Deus pode ser acolhido na fé.

Segundo Marcel, é o caminho da subjetividade que nos leva a descobrir a presença de Deus, que em definitivo é o que dá significado ao meu existir (MARCEL, 1951b, p. 151). O caminho do amor nos abre à presença do outro, e o transforma em tú com o qual podemos chegar a formar o nós. Não nos fecha em um egoísmo de dois, senão que, por sua vez, nos abre aos demais e, sobretudo, a Deus, que é o fundamento e fim da vida humana, quem lhe outorga seu significado (MARCEL, 1955, p. 25). Deus é, para Marcel, um Tu para o qual existo, para o qual conto. Deus é o sentido para esta existência fragmentária, é transcendente e presente no momento do encontro, da experiência ontológica.

## Considerações Finais

A obra de Marcel significa uma contribuição original para a filosofia e, de modo, especial, para a filosofia da existência. Não mais se podem caracterizar as filosofias da existência como filosofias do desespero e da angústia perante a morte. Deu uma contribuição essencial para a imagem do homem. O centro desta imagem situa-se na experiência religiosa. Sob este aspecto, sua filosofia significa um protesto contra uma filosofia que coloca entre parênteses o coração do homem a favor da especulação científica. A vivência existencial culmina na vivência religiosa, no mistério. Deus é, para Marcel, aquele que simplesmente não pode ser pensado como hipótese. Deus é um Tu, para o qual existo, para o qual conto. Deus é o sentido para esta existência fragmentária, é transcendente e presente no momento do encontro, da experiência ontológica. E a experiência não é só razão, pois, no mínimo, é também razão não clareada. Por isso, Deus não pode ser reduzido a uma certeza objetiva e racional universal. Deus só é acessível pela experiência criadora da fé. É possível identificar no pensamento de Marcel, uma certa confusão e indevida mistura entre o que é de natureza filosófica e o que é de natureza teológica. Por exemplo, com grande insistência fala da fé como um dom da graça, e as referências aos dados da revelação, aos mistérios cristãos e à vida sobrenatural na fé e caridade são frequentes. Outros julgam sua filosofia como agnóstica, com respeito ao conhecimento da natureza de Deus e seus atributos. Deus é afirmado na experiência existencial e através da fé e esperança, sem dúvida com uma segurança indubitável que resiste a todas as falácias do racionalismo. Porém simplesmente como Presença, como Tu Absoluto ou o Inverificável Absoluto, inacessível a toda representação conceitual. Reiteradamente Marcel rechaça as provas da existência de Deus da Teodicéia racional, pois “a Teodicéia é ateísmo”. O Deus abstrato da filosofia racional não é o Deus vivente que a experiência existencial descobre como presença imediata e inobjetivável. Nada podemos saber, por tanto, Dele, que permanece como o mistério ontológico e somente é afirmado na vivência subjetiva da comunhão no ser e no paradoxo da Fé.

**Referências**

- GIORDANI, M.C., *Gabriel Marcel, o filósofo do problema e do mistério*. In: *Vozes*. 56, 1962, pp. 815-829.
- MARCEL, G. *Journal Métaphysique*. Paris: Gallimard, 1935(a).
- \_\_\_\_\_. *Êtreetavoir*. Paris: Aubier-Montaigne, 1935(b).
- \_\_\_\_\_. *Essai de Philosophie Concrète*. Paris: Gallimard, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Homo viator: prolégomènes a une métaphysique de l'espérance*. Paris: Aubier/Montaigne, 1944.
- \_\_\_\_\_. *L'homme problématique*, Paris, Aubier-Montaigne, 1955.
- \_\_\_\_\_. *Le mystère de l'être: I, réflexionetmystère*. Paris: Aubier-Montaigne, 1951(a).
- \_\_\_\_\_. *Le mystère de l'être: II, foi et réalité*. Paris: Aubier-Montaigne, 1951(b).
- URDANOZ, Teófilo. *Historia de la filosofía*, Madri: BAC., v. 6, 1978.
- ZILLES, Urbano. *Gabriel Marcel e o existencialismo*. EDIPUCRS, Porto Alegre, 1995.